



Aletheia

ISSN: 1413-0394

mscarlotto@ulbra.br

Universidade Luterana do Brasil
Brasil

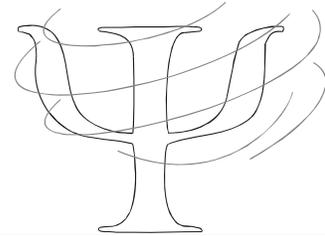
Soletti Musachio, Daniela; Ruschel Daudt, Patrícia
Um estudo transgeracional sobre o luto
Aletheia, núm. 17-18, enero-diciembre, 2003, pp. 123-134
Universidade Luterana do Brasil
Canoas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013455012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Daniela Soletti Musachio
Patrícia Ruschel Daudt

Um estudo transgeracional sobre o luto

A Transgeracional Study about Grief

RESUMO

Este estudo investigou a transmissão de sentimentos frente a situações de luto de 27 mulheres ao longo de três gerações. Após a pré-seleção de mulheres que conheciam histórias de morte em sua família, aplicou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas. O coeficiente de Friedman indicou mais semelhanças do que diferenças nas respostas através das tríades transgeracionais. A análise qualitativa das respostas de uma tríade familiar possibilitou observar a transmissão geracional de sentimentos, atitudes, valores e comportamentos frente a situações de luto.

Palavras-chave: Transgeracionalidade, luto, família.

ABSTRACT

This study investigated the transmission of grief feelings of 27 women across three generations. After a pre-selection of women which knew about stories of grief in their families, the subjects answer a questionnaire with opened and closed questions. The Friedman coefficient showed more similarities than differences across the generation triads. The analysis of responses of a transgeracional triad showed the transmission of feelings, attitudes, values and behaviors before situations of grief.

Key words: Transgeracionality, grief, family.

Daniela Soletti Musachio é Psicóloga pela ULBRA .

Patrícia Ruschel Daudt é Mestre em Psicologia pela UFRGS, Professora do Curso de Psicologia da ULBRA, coordenadora do LepePD (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento da ULBRA).
prdaudt@terra.com.br

Endereço para correspondência: prdaudt@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O tema da transgeracionalidade vem despertando cada vez mais interesse entre os profissionais da área da psicologia. No entanto, apesar do destaque que tem recebido, pode-se dizer que ainda é escassa a literatura sobre o assunto. Dentro desse tema, podem ser salientados os estudos sobre valores, sentimentos e crenças que são transmitidos ao longo das gerações e que envolvem diferentes questões, tais como escolha vocacional, gênero, religião. Destaca-se, entre estes, o tema do luto. Diversos autores, dentro das mais variadas abordagens teóricas, vêm destacando a importância dessa questão no estudo do desenvolvimento humano. Bowen (1998), por exemplo, assinala que o mais importante de todos os tabus é a morte e que pelo menos dois processos estão na base desse tabu: o mecanismo intrapsíquico de negação da morte e o sistema relacional fechado no qual as pessoas não comunicam os pensamentos que possam ter por medo de perturbar os outros. Assim, percebe-se que se trata de um tema muito delicado que pode ser transmitido transgeracionalmente de maneiras diferentes, desde a comunicação mais facilitada sobre o assunto até a total dificuldade em lidar com os sentimentos envolvidos, provocando efeitos na maneira de pensar e agir em cada geração.

Conforme Escosteguy (1997) são muitos os autores que, mesmo pertencendo a diferentes escolas de pensamento psicanalítico, convergem para a valorização das relações de transgeracionalidade como vetor de constituição do aparelho psíquico, desde suas origens. É possível incluir sob o amplo tema de transgeracionalidade, as seguintes articulações:

- 1) transmissão da história dos pais à criança (com a inclusão obrigatória da 3ª geração ascendente);
- 2) funções maternas, em suas várias concepções;
- 3) modos como essa transmissão se realiza, através das interações observáveis na dupla mãe-bebê;

4) individualidade (ou subjetividade), incluindo comportamento e temperamento da criança, atuando sobre o ambiente.

Os teóricos com orientação sistêmica enfatizam que o comportamento atual da família não pode ser adequadamente compreendido à parte de sua história. Eles vêem o questionamento histórico como uma maneira de investigar eventos e transições essenciais, a fim de compreender as mudanças organizacionais e as estratégias de manejo do sistema familiar, em resposta aos estressores passados. Este não é um modelo de causa e efeito, mas reflete a crença de que esta busca histórica pode ajudar a explicar o atual estilo familiar de lidar com a situação e adaptar-se a ela. Uma perspectiva histórica, sistêmica, envolve mais do que simplesmente decifrar como uma família organizou-se em função de estressores passados; também significa investigar a evolução da adaptação familiar ao longo do tempo. A esse respeito, é importante considerarmos os padrões de adaptação, repetições, descontinuidades, mudanças nos relacionamentos (isto é, alianças, triângulos, rompimentos) e sentimentos de competência (Carter & McGoldrick, 1995).

A herança familiar impregna a pessoa de tal forma que ela irá se constituir a partir e no entorno dela. Desde os primeiros momentos da existência de uma criança, os pais ou avós indicarão a fonte preferencial em direção à qual ela irá se dirigir. “O eixo genealógico” continua a organizar os destinos. Segundo Poli, Munhoz e Furtado (2001) não se trata de um programa genético pré-configurado o que vai advir de cada um de nós, mas de painéis indicadores e identificadores inconscientes, que nos fazem caminhar para um ou outro lado.

Para Freud (1930) são os objetos primários que transmitem aos filhos os valores sociais e culturais que darão significado à sua existência. Aos vínculos particulares dos membros da família estão relacionadas às narrativas inconscientes das pessoas que as compõem, em relação aos estímulos e características do contexto histórico e social.

De acordo com Anton (1998), uma

geração forma a outra não apenas pela bagagem genética transmitida, mas, também, por toda uma bagagem afetiva e cultural. Algumas inclinações são reforçadas, outras são inibidas. Alguns desejos são atendidos, o mais plena e satisfatoriamente possível, enquanto outros são censurados, proibidos, até punidos, tornando-se motivo de vergonha, medo e dor. Segundo a mesma autora, o que a geração anterior constrói fica à disposição das gerações seguintes, que tendem a funcionar segundo o nível e os modelos de organização do qual, desde tenra idade, participam. O que a geração anterior deixa de resolver, ou resolve mal, pode constituir-se em entrave ao crescimento ou em pontos de fixação, de forma que a geração seguinte terá que se organizar de modo e em graus semelhantes, ou seja, num visível acomodamento, ou procurando melhores saídas (Anton, 1998).

Mais especificamente, o estudo da transgeracionalidade torna-se relevante uma vez que designa a transmissão dos desejos através das gerações, com a atribuição, muitas vezes inconsciente, de missões e delegações a serem cumpridas por um ou outro membro da família. Assim, no caso do luto, pode ser útil mostrar-se a maneira através da qual cada geração se depara frente ao assunto, dependendo do modo como esse sentimento é transmitido transgeracionalmente, é possível observar-se bloqueios, defesas e até mesmo uma não-elaboração de sentimentos, dependendo, é claro, das condições em que este conteúdo foi repassado ao longo das gerações.

Os filhos podem ser utilizados como recipientes de projeções, em particular de vivências, sentimentos e fantasias não elaboradas, que pertencem aos seus pais. Por isso, graças a uma identificação sadia com seus pais, estes conseguirão integrar seus filhos na tradição familiar, sem fazê-los carregar o peso de uma projeção de seus conflitos pessoais (Williams, 1996; Cramer, 1997).

Walsh e McGoldrick (1998) concordam que, de todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais

dolorosos para a família como sistema e para cada um de seus membros individualmente, com ressonâncias em todos os seus outros relacionamentos. De acordo com estas autoras, o momento de uma perda no ciclo trigeracional de vida da família cria diferentes complicações, que vão afetar o risco de disfunção criado por este evento. Na avaliação da família, os genogramas e as cronologias familiares são sobremaneira úteis para revelar seqüências e a coincidência de eventos nodais ao longo do tempo na família multigeracional.

Ao tratar-se de perda, pensa-se naqueles que deram “sentido, amor e dor” ao membro morto da família, e cujas vidas foram moldadas pelo “sentido, amor e dor” que experimentaram. Para entender-se suas respostas à perda, contudo, temos de compreender não apenas algo sobre sua relação com o falecido, mas, também, sobre a história de sua vida e, especialmente, de suas ligações e perdas mais antigas, que inevitavelmente afetam sua atitude em relação à perda presente (Pincus, 1989).

Thomas (1987) esclarece que o luto é um episódio da vida que cada um de nós vai provavelmente ter que enfrentar. Então, para a tranqüilidade de todos é importante que ele seja o mais bem vivido possível.

Busca-se com este estudo identificar a transmissão de sentimentos comuns frente a situações de perda nas relações avó-mãe-neta. Para isso, aplicou-se um questionário contendo questões fechadas e enriquecido com uma entrevista semi-aberta, propiciando aos sujeitos da amostra, comentários mais profundos sobre os sentimentos vivenciados frente ao luto. A pesquisa, de caráter exploratório, compreende uma apresentação quantitativa dos resultados, sendo complementada por uma análise qualitativa destes.

MÉTODOS

Amostra

Participaram do estudo 9 famílias, focalizando a avó materna, a mãe e a neta, to-

talizando 27 mulheres, de classe econômica média alta, provenientes das cidades de Porto Alegre e Canoas. A faixa etária variou de 15 a 84 anos e todas possuíam pelo menos uma história de morte na família.

Instrumentos

Foram aplicados ao todo dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário prévio, e o segundo o questionário propriamente dito, contendo questões fechadas e abertas, estas últimas aqui denominadas de entrevista semi-aberta. O questionário prévio foi utilizado para selecionar as possíveis participantes do presente estudo. Este instrumento constituiu-se de nove questões, as quais investigaram a idade do examinado, onde mora, pessoas com quem mora, conhecimento de situações de luto na família materna, e se em sua família materna se encontravam vivas a avó, a mãe e a neta.

O questionário, especialmente elaborado para esta pesquisa, constituiu-se de 23 questões, sendo 15 de caráter diretivo e 8 de cunho descritivo. Este questionário teve como objetivo avaliar, através das respostas de avós, mães e netas a maneira como cada uma, individualmente, se depara com situações de luto. Dentro das 15 questões fechadas, as de números 1, 9 e 14, de escolha simples, continham as respostas “sim” ou “não” e investigaram, respectivamente, se houve situações de luto na família, se o modo da família de origem encarar as perdas repercutia na maneira da respondente encarar a morte e, por fim se há costume de ir a velórios. Já as questões 2 e 3, de múltipla escolha, investigaram as situações de luto que a pessoa tinha conhecimento dentro da família, e, também, a perda mais significativa, respectivamente. A pergunta 4, de escolha simples, investigou o tipo de morte. Algumas questões como as de número 5, 6, 7 e 15 foram elaboradas para verificar o grau de intensidade dos sentimentos experimentados frente às perdas, caracterizando uma escala com respostas como: sem sofrimento, pouco sofrimento, sofrimento tolerável e muito sofrimento. A pergunta 8, também, classificada com res-

postas de intensidade de comportamento, verificou-se, na relação avó-mãe-neta, se a respondente: não conversa a respeito, conversa pouco a respeito ou conversa bastante a respeito.

Finalmente, as questões 10, 11, 12 e 13 referiam-se à frequência de certos sentimentos caracterizados em uma escala de quase nunca até quase sempre. Na questão 10 investigou-se sobre o pedido de ajuda entre os familiares nas situações de luto, na questão 11 sobre a explicitação na família de sentimentos dolorosos, na questão 12 a importância da união familiar nos casos de luto e na questão 13 sobre o fato de se escutar as opiniões da família sobre a morte de determinado ente querido. É importante salientar que a elaboração destas últimas questões se basearam na Escala Faces III (Falceto, 1997), a qual investiga a maneira como cada indivíduo descreve o funcionamento de sua família.

A segunda parte do questionário, referente às perguntas abertas, constituiu-se em uma entrevista semi-aberta com 8 questões que permitiram ao entrevistado comentar de forma mais profunda: - sobre a situação de luto que lhe foi mais significativa; - quando ocorreu; - quais foram os sentimentos despertados; - como acha que a mãe e a avó lidam com situações de morte; - como é o relacionamento entre avó, mãe e neta na família; - se observa relação entre a forma como a avó e a mãe vivenciam ou vivenciaram situações de luto e a sua maneira; - como é abordado o tema da morte na família materna.

Procedimentos

Primeiramente, buscou-se contato com a diretoria de um curso de graduação da ULBRA com predominância de público feminino e, a partir da autorização desta, começaram-se as visitas às salas de aula com o objetivo de se conseguir a amostra esperada.

O primeiro contato com os possíveis sujeitos que comporiam a amostra final foi através da aplicação de um questionário prévio que teve como objetivo selecionar

aquelas famílias que participariam do estudo. Depois da seleção das tríades contatou-se estas para a marcação da visita e aplicar-se o questionário. Foram marcados vários encontros, sendo estes individuais com cada mulher de todas as famílias. Conjuntamente com o questionário, foi entregue, lido e explicado o Termo de Consentimento Informado, com o objetivo, de esclarecer a pesquisa, a participação do sujeito, bem como assegurar o sigilo.

RESULTADOS

Inicialmente se apresentará a caracterização da amostra. Em seguida, uma análise estatística das questões 5 a 15 do questionário, através do coeficiente de Friedman, que busca o nível de significância das respostas em cada grupo de avós, mães e netas. As questões de números 9 e 14 foram analisadas separadamente, pois tratam-se de respostas de escolha simples, como “sim” ou “não”, as quais foram medidas pela sua frequência em cada grupo.

Por fim, apresenta-se a análise qualitativa

de uma tríade familiar, baseada em Bardin (1979) para as questões abertas correspondentes à segunda parte do questionário.

Tabela 1 – Faixa etária das respondentes.

Variável	Descrição	Frequência	%
Idades Avós	60 – 64	1	11,1%
	65 – 69	3	33,3%
	70 – 74	1	11,1%
	75 – 79	2	22,2%
	80 – 84	2	22,2%
Idades Mães	35 – 39	1	11,1%
	40 – 44	3	33,3%
	45 – 49	4	44,4%
	50 – 54	1	11,1%
Idades Netas	15 – 19	5	55,5%
	20 – 24	3	33,3%
	25 – 29	1	11,1%

Conforme a Tabela 1 demonstra, a idade mais freqüente no grupo das avós é de 65 a 69 anos, totalizando 33,3%; no grupo das mães a idade mais freqüente é de 45 a 49 anos com 44,4%; no grupo das netas a idade mais freqüente é de 15 a 19 anos com freqüência 55,5%.

Tabela 2 – Perda mais significativa e tipo de morte vivenciada.

Variável	Descrição	Frequência	%
Perda mais significativa /Avós	Mãe	2	22,2%
	Outro: irmão, sobrinho, filhos ou marido	7	77,8%
Perda mais significativa /Mães	Pai	4	44,4%
	Avó materna	1	11,1%
	Primo	1	11,1%
	Outro: irmão, irmã, marido	3	33,3%
Perda mais significativa /Netas	Pai	1	11,1%
	Avô materno	3	33,3%
	Tio	3	33,3%
	Tia	1	11,1%
	Outro: primo da mãe	1	11,1%
Tipo de morte	Doença	19	70,3%
	Natural	2	7,4%
	Acidente	6	22,2%

A Tabela 2 revela que, as perdas mais significativas para as avós se referem às perdas familiares em diversos graus de paren-

tesco (irmão, sobrinho, filhos, marido), totalizando 77% das respostas, seguido da perda de suas próprias mães com 22% de

respostas. No grupo de mães a perda do pai foi mais significativa para 44,4% dessas, seguido de outros parentes como irmãos e marido. No grupo de netas as per-

das do avô materno e do tio foram as mais significativas, representando 33,3% para cada um, sendo seguido pelas perdas do pai e da tia com 11% cada.

Tabela 3 - Comportamentos frente a situações de luto na visão das avós, mães e netas.

Q	Perguntas	Respondente	Média	DP	p*
5	Como vivenciastes a perda	Avó	3,78	0,44	0,504
		Mãe	3,56	0,53	
		Neta	3,44	0,73	
6	Como tua família se depara frente a perdas	Avó	3,56	0,53	0,368
		Mãe	3,56	0,53	
		Neta	3,78	0,44	
7	Como as mulheres da família se deparam com situações de	Avó	3,89	0,33	0,135
		Mãe	3,89	0,33	
		Neta	3,67	0,5	
8	Sentimentos em situações de luto na relação avó-mãe-neta	Avó	2,22	0,67	0,091
		Mãe	2,44	0,53	
		Neta	2,00	0,71	
10	Em situações de luto os membros da família pedem ajuda	Avó	3,89	0,78	0,032
		Mãe	4,44	0,73	
		Neta	4,56	0,53	
11	Em tua família os sentimentos mais dolorosos são	Avó	3,78	0,83	0,291
		Mãe	4,00	1,00	
		Neta	4,33	0,71	
12	A união familiar é importante em casos de morte	Avó	4,78	0,67	1,00
		Mãe	4,78	0,44	
		Neta	4,78	0,44	
13	Escutam-se os familiares sobre a morte de um ente querido	Avó	3,67	0,87	0,042
		Mãe	4,11	1,05	
		Neta	4,44	0,88	
15	Como lida com perdas atualmente	Avó	3,33	0,50	0,779
		Mãe	3,44	0,53	
		Neta	3,44	0,53	

* p =0,05

Com base na Tabela 3, verifica-se, através do coeficiente de Friedman, que houve diferença significativa nos grupos de avós-mães-netas nas questões 10 e 13, o que corresponde, respectivamente, ao fato de as avós pedirem menos freqüentemente a ajuda de outras pessoas da família frente a situações de morte em relação às netas e mães; e que é com maior freqüência no grupo das netas que estas costumam escutar

as opiniões dos outros membros da família sobre a morte de determinado ente querido, em comparação às mães e avós. É interessante salientar que, na questão 12, todos os grupos foram unânimes em afirmar que a união familiar é importante em casos de morte, assim como não se observam diferenças significativas entre os grupos nas seis demais questões.

Tabela 4 - Modo como a família encara(va) histórias de perdas e sua repercussão na maneira de ver a morte na visão das avós, mães e netas.

Questão 9	Avós		Mães		Netas	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	8	88,9%	9	100,0%	9	100,0%
Não	1	11,1%	0	0	0	0
Total	9	100,0%	9	100,0%	9	100,0%

De acordo com a Tabela 4, observa-se que as avós concordam, em quase sua totalidade (88,9%), que o modo como a família encara(va) histórias de perdas repercute na

maneira de cada uma em se deparar com situações de mortes. Já nos grupos de mães e netas, isto ocorreu em 100% das respostas.

Tabela 5 - Costume de ir a velórios nos grupos de avós-mães-netas.

Questão 14	Avós		Mães		Netas	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	6	66,7%	7	77,8%	4	44,4%
Não	3	33,3%	2	22,2%	5	55,5%
Total	9	100,0%	9	100,0%	9	100,0%

Nota-se na Tabela 5 que nos grupos de avós (66,7%) e mães (77,8%) há predominância do costume de ir a velórios, já no

grupo de netas este costume é bem menos freqüente, sendo de 44,4%.

Tabela 6 - Depoimentos de uma tríade familiar frente ao tema da morte na família.

Perguntas	Avó	Mãe	Neta
Situação de luto	Morte do irmão	Morte do pai	Morte do tio
Sentimentos Despertados	Tristeza e pena	Tristeza, arrependimento, culpa e abandono.	Choque, tristeza, revolta e medo.
Como a mãe lida(va) com situações de luto	“Igualzinha a mim”; “encarava a morte como uma passagem.”	“Bem diferente de mim”; “é muito mais forte”; “eu sou manteiga derretida”.	“Fica chocada”; “tenta reagir”; “diz que já era a hora da pessoa e que é melhor morrer do que ficar sofrendo.”
Como a avó lida(va) com situações de luto	“Não demonstrava sentimentos”; “era espírita”; “isto foi passado desde a avó.”	“Igual a minha mãe”; “os mais velhos são mais fortes”; “acho que vou ser assim quando envelhecer”.	“Igual a minha mãe.”
Relacionamento entre avó-mãe-neta	“Conversamos bastante”; “somos bem unidas”; “filha sempre presente”; “neta nem tanto”.	“Somos muito unidas”; “somos até vizinhas.”	“Adoro conversar com elas, me dou muito bem”.
Relação que o sujeito faz entre a maneira de encarar o luto nas três gerações	“Totalmente igual”; “nós três somos espíritas.”	“Totalmente igual”; “mesmo que agora eu sofra mais, fiquei de luto, vivi aquele luto, sei que, quando for mais velha, vou ser igual a minha mãe”.	“Muito parecida”; “principalmente eu com minha mãe.”
Como é abordado o tema da morte em tua família	“Como o espiritismo fala, a vida é uma passagem, portanto, não há morte”; “os sofrimentos são aceitáveis”; “não há desespero.”	“A gente costuma dizer que quem morre vai para um plano espiritual”; “não iremos morrer”; “fica mais fácil de aceitar a saudade, aquela dor horrível.”	“É como minha mãe fala, que é melhor morrer do que ficar sofrendo”; “só que é difícil, fico muito triste.”

Apresenta-se na Tabela 6 as respostas de uma família de escolha aleatória, composta pela tríade avó, mãe e neta, sobre questões referentes ao luto, bem como os sentimentos vivenciados por cada uma. Os dados acima se referem aos dados das questões abertas da entrevista que abordaram aspectos mais subjetivos de cada indivíduo frente a suas vivências de morte, a fim de complementar os dados obtidos através da primeira parte do questionário.

É interessante salientar, a seguir, alguns dados particulares das participantes desta etapa da análise: a avó, com 77 anos, viúva e mora sozinha; a mãe, com 47 anos, mora com o marido e com uma filha única,

esta, com 15 anos de idade. Mãe e filha moram ao lado da avó, isto é, são vizinhas.

As respostas de cada sujeito foram examinadas através da análise de conteúdo qualitativa de Bardin (1979). Esta análise ocorreu de acordo com o esquema a seguir:

- 1) transcrição de todas as entrevistas;
- 2) demarcação de unidades temáticas;
- 3) criação de uma estrutura de categorias temáticas a partir da leitura das entrevistas;
- 4) identificação das unidades temáticas em cada entrevista;
- 5) análise propriamente dita.

A análise dos dados da Tabela 5 e a discussão à luz da teoria serão apresentadas na próxima seção deste estudo.

DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo foi o de verificar a transgeracionalidade a partir de situações de luto em três gerações de mulheres de uma mesma família. Procurou-se verificar os comportamentos das mulheres desta pesquisa (avó, mãe e neta) ao vivenciar e transmitir seus sentimentos frente à perda, mais especificamente, buscou-se detectar se estes foram repetidos, de alguma forma, ao longo das três gerações.

Através dos dados obtidos na Tabela 4, pôde-se responder à principal questão deste estudo, uma vez que quase todas as avós concordaram que o modo como a família encara(va) histórias de perdas repercute na maneira de cada uma ao se deparar com situações de morte. Este dado é, também, confirmado a partir das respostas das mães e netas na mesma tabela, sendo unânimes em consentir com esta afirmativa. Em relação a isto, Faimberg (2001) notou que, ao interpretar o funcionamento narcísista dos pacientes na transferência, estes respondem associando com fragmentos da história de seus pais. Descobrem-se aspectos da sua história que estão intimamente ligados à história (re)construída dos pais. Dito de outro modo, sua luta intrapsíquica reconstrói-se na transferência por fragmentos e está associada a aspectos parciais da história parental.

Já Cramer (1997) comenta sobre os mecanismos de transmissão da cultura e coloca que estes se dão pelo efeito das identificações cruzadas e recíprocas entre pais e filhos. Salienta, ainda, que a transmissão transgeracional é a garantia da perenidade da cultura e de um sentimento de segurança essencial para as novas gerações.

Conforme os dados apresentados na Tabela 3, percebeu-se, no entanto, diferença significativa apenas nas questões 10 e 13, correspondendo, respectivamente, ao fato das avós pedirem menos freqüentemente ajuda de outras pessoas da família frente às situações de morte em relação às netas e às mães. Contudo, no grupo das netas, verificou-se que é com maior freqüência que es-

tas costumam escutar as opiniões dos outros membros da família sobre o falecimento de determinado ente querido, agora em relação às mães e às avós. Talvez, essas opiniões variem devido às diferenças de época e idades, por exemplo, a terceira idade (avós), meia-idade (mães) e adolescência (netas), mostrando modos individuais, expressos tanto em suas opiniões, quanto no modo de agir. Bucher (1991) destaca a grande importância dos fatores sócio-culturais na experiência morte e do falar sobre a morte. Nesse sentido, cada família estrutura suas regras, seus ritos, suas leis diante deste fato.

Carter e McGoldrick (1995) afirmam que seria extremamente benéfico encorajar os membros da família, tanto a respeitarem as tradições herdadas, quanto a serem ativos na determinação das formas culturais que utilizarão para lidarem com suas perdas.

Relembrando a questão 12 da mesma Tabela, notou-se que todos os grupos do estudo concordaram ao afirmar que a união familiar é importante em caso de morte. A partir de uma perspectiva familiar sistêmica, a perda pode ser vista como um processo transacional que envolve o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, que reconhece tanto a finalidade da morte como a continuidade da vida. Atingir o equilíbrio neste processo é a tarefa mais difícil que uma família deve enfrentar em sua vida (Walsh & McGoldrick, 1998).

Também, é interessante salientar que, assim como esta questão, as demais perguntas referentes à Tabela 12, que não apresentaram diferença significativa, ilustram que entre as gerações envolvidas, há, possivelmente, semelhanças no modo de lidar com situações de morte. Estes dados confirmam a afirmação de Anton (1998) quando refere que a maneira como as famílias se organizam, elaboram conflitos e superam seus momentos críticos seguirá atravessando várias gerações.

Uma outra forma complementar de avaliar os resultados deste estudo foi o emprego da análise qualitativa das respostas de uma tríade familiar frente ao tema do luto.

Na Tabela 6, a avó, a mãe e a neta falaram sobre a situação de luto mais marcante, os sentimentos que foram despertados, além de outras declarações que buscaram responder, de forma complementar, ao objetivo deste estudo. Através destes depoimentos, notou-se que há semelhanças na maneira de pensar e agir destas mulheres, evidenciando a temática da transgeracionalidade. A continuidade geracional, segundo Benincá e Gomes (1998), caracteriza-se pela reedição de comportamentos através do processo de combinação de expectativas e atribuições, implícitas ou explícitas, que se transformam em padrões de conduta.

O processo sucessivo, considerando, tanto a sociedade mais ampla, quanto à família restrita, envolve gerações diversas com características peculiares que as identificam como diferentes da anterior e, provavelmente, da seguinte. Contudo a linearidade familiar mantém-se de forma incontestável através dos tempos. Isto se dá pelo consenso entre os grupos geracionais sucessivos na mutualidade das experiências, da assistência, das obrigações, das expectativas e do afeto (Benincá & Gomes, 1998). As colocações acima podem ser melhores ilustradas no seguinte depoimento da mãe participante deste estudo sobre a relação que ela faz entre a maneira de encarar o luto nas três gerações: *“Totalmente igual”; “Mesmo que agora eu sofra mais,... sei que, quando for mais velha, vou ser igual a minha mãe.”* E ainda: *“Os mais velhos são mais fortes”; “Acho que vou ser assim quando envelhecer”.*

Segundo Walsh e McGoldrick (1998) as famílias tendem a se repetir. Embora o comportamento manifesto possa assumir formas variadas, as mesmas questões tendem a ser atualizadas de geração para geração. Bowen (1998) denomina isto de transmissão multigeracional de padrões familiares, especulando que os padrões de relacionamento nas gerações anteriores oferecem modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração seguinte. A justaposição de eventos nodais intensifica o processo familiar e aumenta a probabilidade de transmissão emocional de padrões

para a geração seguinte. Exemplificando estes conhecimentos, podemos destacar as seguintes opiniões sobre a relação que o sujeito faz entre a maneira de encarar o luto nas três gerações: Avó: *“Somos totalmente iguais, nós três somos espíritos”; “Isto foi passado desde a avó”.* Mãe: *“Totalmente igual”.* Neta: *“Muito parecida”; “Principalmente eu com minha mãe”.*

Cramer (1997) assinala que, em geral, as famílias acham suficientes recursos em si mesmas e em seu meio para instaurar um equilíbrio entre o que os pais transmitem de seu próprio fundo de tradição psicológica, e a necessidade de liberdade que a criança tem para se desenvolver sem demasiados problemas e, sobretudo, sem se alienar demais pelo peso da memória familiar. Os pais podem se apoiar na lembrança inconsciente das boas relações que tiveram com seus pais, o que consolidará suas trocas com seus filhos. Apesar da mãe em estudo afirmar que será igual a sua mãe quando envelhecer, também defende sua individualidade ao comentar que sua mãe, em situações de luto, *“é bem diferente de mim”; “é bem mais forte”; “eu sou manteiga derretida”.*

Ao perder uma pessoa amada por morte, de acordo com Pincus (1989), o adulto enlutado, também, tem de enfrentar a angústia do abandono e da culpa por mais que ele tenha proporcionado e sentido, ou não, algo em relação ao falecido. Também, tem de aprender a manter dentro de si a pessoa perdida durante o processo de luto até que se sinta suficientemente separado para aceitar, suportar e sobreviver à realidade da perda. A perda de uma pessoa amada reativa nas pessoas os pesadelos mais dolorosos, os medos e pânico mais infantis, a angústia do abandono e o terror de ser deixado só, de ter perdido o amor. Isto fica claro quando aparecem, no estudo em questão, sentimentos como tristeza, pena, arrependimento, abandono, choque, revolta, medo e culpa, além do depoimento da neta ao afirmar que a mãe, frente à perda, *“Fica chocada...”; “... tenta reagir...”.*

Pincus (1989), ao discutir o luto, afirma que parece haver uma conspiração ge-

ral no sentido de negar a ocorrência da morte. Contudo, os seres humanos necessitam fazer o luto em resposta à perda, e, se isso lhes é recusado, sofrerão psicológica e/ou fisicamente. A avó em estudo é segura em afirmar que: "... não há morte"; "Os sofrimentos são aceitáveis"; "Não há desespero". A mãe concorda: "Não iremos morrer". A avó ainda comenta sobre a visão de sua mãe frente a situações de perda: "Encarava a morte como uma passagem"; "Não demonstrava sentimentos". Aqui, percebe-se também, a transmissão de sentimentos comuns entre as gerações.

Kübler-Ross (1998) destaca que o homem, diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, aumenta de várias maneiras suas defesas psicológicas. Ele não pode fingir estar continuamente a salvo. Se não podemos negar a morte, pelo menos podemos tentar dominá-la. Pode-se verificar, mais claramente, esta consideração nas seguintes frases: Avó: "Nós três somos espíritos"; "Como o espiritismo fala, a vida é uma passagem..." Mãe:

"A gente costuma dizer que quem morre vai para um plano espiritual"

Cramer (1997) ao discutir a transmissão de aspectos culturais entre as gerações comenta que a construção e transmissão das tradições familiares não se limitam às palavras, mas recorrem à mímica, às inflexões da voz e a uma miríade de pequenos sinais transmitidos à criança desde sua mais tenra idade.

Com base nas palavras de Pincus (1989) nota-se que o desenvolvimento humano envolve a capacidade de dominar dificuldades e dor, ainda que a intenção seja, com toda a certeza, eliminar a dor e o sofrimento, tendo-se que reconhecer cada vez mais a morte e a usar a dor inevitável da perda para auxiliar o nosso crescimento.

Quando as famílias podem se reunir e compartilhar a experiência de sofrimento, mudanças muito positivas costumam acompanhar o luto, fortalecendo a unidade familiar e todos os seus membros (Walsh & McGoldrick, 1998). Este aspecto, além da presença da questão da transgeracionalidade, fica evi-

dente nos seguintes relatos: Avó: "Conversamos bastante"; "Somos bem unidas"; Neta: "Adoro conversar com elas, me dou muito bem".

Walsh e McGoldrick (1998) referem que a morte impõe desafios adaptativos muito dolorosos para a família. Estas autoras explicam que adaptação não significa resolução, no sentido de uma aceitação completa e definitiva da perda. Ao contrário, ela envolve a descoberta de maneiras de colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida. A adaptação não tem uma escala ou frequência fixa, bem como perdas traumáticas ou significativas podem nunca ser totalmente resolvidas. Os múltiplos sentidos de qualquer morte são transformados durante todo o ciclo de vida, à medida que são vivenciados e integrados com as experiências vitais, incluindo, obviamente, outras perdas. Pode-se observar essas idéias nos comentários a seguir: Neta: "É como minha mãe fala, que é melhor morrer do que ficar sofrendo"; "Diz que já era a hora da pessoa"; "Só que é difícil, fico muito triste". Mãe: "A gente costuma dizer que quem morre vai para um plano espiritual"; "Fica mais fácil de aceitar a morte, aquela dor horrível".

O luto significa toda uma série de relações e atitudes consecutivas a uma perda; de uma maneira mais restrita, à perda de um ente querido (Thomas, 1987). Podemos ilustrar este aspecto, por exemplo, no depoimento da mãe que comenta sobre a morte do pai: "... fiquei de luto, vivi aquele luto...".

Segundo Carter e McGoldrick (1995), o problema da morte é universal. Os rituais de luto estão presentes e envolvem uma transição para um novo estágio de identidade individual e relacional. As culturas, no entanto, variam na maneira de lidar com seus membros agonizantes, em seus rituais de luto e em suas explicações a respeito do significado da morte na existência humana.

O presente estudo, ao investigar os sentimentos frente ao luto na visão de avós, mães e netas, de uma mesma família, revelou que as mulheres percebem-se parecidas em suas maneiras de reagir frente ao luto. Considerando os demais resultados, evidenciou-se a questão da transgeracionalidade.

O tema da morte é universal e, geralmente, tido como tabu. O estudo da transgeracionalidade, a partir da questão do luto, é um assunto complexo que necessita ainda ser mais averiguado. Os dados aqui registrados e as análises desenvolvidas não tiveram a intenção de esgotar a questão. Por outro lado, o fato desses dados revelarem a transmissão de valores ao longo de três gerações de mulheres pode lançar luz, por exemplo, na compreensão do sujeito ao longo do seu desenvolvimento, levando-se em conta a inclusão deste fenômeno.

Ao buscar-se ampliar a compreensão da transgeracionalidade, sugere-se a realização de novos estudos, tanto quantitativos, quanto qualitativos, a respeito desse assunto. Pode ser útil, por exemplo, verificar-se o comportamento das variáveis deste estudo numa amostra de gênero masculino, bem como o estudo de outras temáticas envolvendo a transgeracionalidade.

REFERÊNCIAS

- Anton, I. L. C. (1998). *A Escolha do Cônjuge - Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benincá, C.R.S. & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3, 1, 177-205.
- Bowen M. (1998). A reação da família à morte. Em: Walsh F & McGoldrick M. *Morte na família; sobrevivendo às perdas*. (p. 105-117). Porto alegre: Artmed.
- Bucher, J. S. N. F. (1991). Interação Familiar e Suicídio: estudos de casos numa perspectiva transgeracional. *Psico*, 21, 1, 41-64.
- Carter, B., & McGoldrick, M. E. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar - Uma estrutura para a terapia familiar* (2ªed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cramer, B. (1997). *Segredos Femininos de Mãe para Filha*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Escosteguy, N. U. (1997). Transgeracionalidade. *Publicação CEAPIA*, 10, 10 (páginas).
- Faimberg, H. (2001). *Gerações - Mal-Entendido e Verdades Históricas*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.
- Falceto, O. G. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: Validação das escalas diagnósticas Faces III, Beavers-Timberlawn e Avaliação Global do Funcionamento Interacional (GARF)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS.
- Freud, S. (1930). *O Mal-Estar na Civilização, Em: Obras Psicológicas Completas, v. 21*, Rio de Janeiro: Imago.1976.
- Kübler-Ross, E. (1998). *Sobre a Morte e o Morrer* (8ªed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pincus, L. (1989). *A Família e a Morte: Como enfrentar o luto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Poli, C.B., Munhoz, J. H., & Furtado, H. (2001). Laços de Família: a crise adolescente, segredos familiares e transgeracionalidade. *Revista do IEPP*, 3(3), 81-92.
- Thomas, L. V. (1987). A Respeito do Luto. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 36, 4, 209-215.
- Walsch, F. & McGoldrick, M. (1998). *Morte na Família: Sobrevivendo às Perdas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Williams, G. (1996). *Sobre la posibilidad de transmisión de cuerpos extraños de una generación a outra*. Barcelona: [s.ed.].